

Keith Brooke

# O Homem Adrenotrópico

tradução de João Barreiros

*Título:* O Homem Adrenotrópico

*Autor:* Keith Brooke

*Título original:* Adrenotropic Man

*Tradutor:* João Barreiros

*Capa:* Gabriel Bozano / Jorge Candeias

*Revisão:* Jorge Candeias

*Publicado originalmente em:* Interzone nº 30, Julho de 1989

*Outras publicações:*

Infinity Plus ([www.infinityplus.co.uk/stories/adman.htm](http://www.infinityplus.co.uk/stories/adman.htm)), Agosto de 1997

E-nigma Pro, 2001

Os e-books editados pelo E-nigma são publicados por acordo com os seus autores e o *copyright* permanece na posse do autor. A reprodução destes e-books é livre se e só se o texto se mantiver inalterado e sob a forma original deste PDF, e na medida em que não haja aproveitamento comercial. A cópia, aluguer ou qualquer outra transacção destas publicações a troco de dinheiro está expressamente proibida.

*Editor:* E-nigma ([www.ficcao.online.pt/E-nigma](http://www.ficcao.online.pt/E-nigma)) / Jorge Candeias

*Edição nº:* NE-8/2003

Ajude o E-nigma a oferecer-lhe cada vez mais e melhor literatura fantástica. Veja como em [www.ficcao.online.pt/E-nigma](http://www.ficcao.online.pt/E-nigma)

Assassinaram-me a 22 de Junho de 1997, por volta do meio dia. Encontrava-me a caminho de um almoço de trabalho na baixa, com o director regional, destacado durante alguns dias para se submeter àquilo a que chamamos de “consultas”, ou seja, a minha missão era verificar-lhe todas as contas bancárias cujo saldo demasiado elevado não correspondia ao respectivo salário. Detive-me durante alguns instantes na New Carnaby Street, para espreitar por uma montra o fim dos saldos da Boutique Macco Man’s. Esbocei um sorriso. Tinha acabado de vender por bom preço, ainda há poucas semanas, todas as acções da Macco; pelos vistos o meu empurrãozinho foi o suficiente para lhes deitar abaixo todo o castelo de cartas. Dentro de mais um ou dois meses, contava apanhar do chão todos os pedacinhos ao preço da chuva. Mas isto foi antes de ser assassinado.

O reflexo sorriu-me do outro lado do vidro. Um reflexo com trinta e seis anos, mas que ainda parecia estar na casa dos vinte; nem sinais da barriga dos executivos. Sempre gostei de me manter em boa forma. Se controlarmos o corpo, também podemos controlar a mente. Desde a adolescência que me tenho vindo a sujeitar a um rigoroso regime de exercício físico, acompanhado de comida saudável. De facto, atribuo mesmo o meu recente sucesso nos negócios a esta força interior de corpo e alma. Virei as costas à loja e prossegui passeio abaixo. O reflexo acompanhou-me, saltando de montra em montra.

Estremeci quando alguém esbarrou comigo. Era um indivíduo pequenote, com um fato às riscas, cara de fuinha, cabelos brancos colados à cabeça por uma mistura de Brylcream e óleos naturais. “Mas que merda vem a ser esta?”, berrei, recuando aos tropeções, sob a força inesperada do impacto. “Mil desculpas, chefe”, murmurou o tipo, para logo de seguida se perder no meio da multidão que andava às compras na hora de almoço. Durante alguns instantes, no momento em que ele se desculpava, os nossos olhares cruzaram-se e eu percebi *tudo*. Percebi mesmo. Este tipo era suposto assassinar-me. Limpar-me o sarampo com uma pistola automática da janela de um

Cadillac negro, ou estoirar com o meu apartamento. Enfim, coisas que deviam ser feitas com um certo *estilo*. Mas comigo não aconteceu assim. Afinal enviaram-me um meia leca de um Cockney jarreta, que estaria mais à vontade na bancada de um mercado, do que a fazer as vezes de assassino. O meu antebraço exposto doía-me e eu comecei a esfregá-lo, preocupado.

Max Riesling, jovem empresário americano, fundador e director administrativo da GenGen. Sabia perfeitamente que andavam atrás de mim, sabia que tinham posto a correr o anúncio da minha execução desde os finais de Maio, e mesmo assim continuei a expor-me à vista de todos. Nem sequer contratei seguranças para tomar conta dos meus interesses. Não fiz coisa nenhuma, abri-lhes todas as portas.

*Vamos lá manter a calma, toda esta excitação não serve para nada. Excitação sim, é esse o termo correcto. Acalma-te. Vai mais devagar.*

Mandaram-me a notícia pelo correio. Nada de vidfonemas, nem 'lecmails, limitaram-se a enviar-me um papel no interior de um envelope, entregue pelos serviços do Pronto Postal Co., correio normal.

Mr. Riesling:

As suas acções não nos deixaram outra alternativa. Discutir pessoalmente estes assuntos não serve de nada com gente da sua índole. Pode ter a certeza que já não vai estar vivo para falar no Inquérito. Seguem-se os devidos pormenores.

Com os melhores cumprimentos,  
Grupo da Acção Verde.

Mas não havia pormenores nenhuns incluídos na carta, à excepção de um clipe de papel. Espreitei no interior do envelope e descobri lá dentro o documento solto, um folheto promocional sobre investimentos lucrativos. O panfleto tinha sido modificado para se ajustar à presente situação.

—oOo—

Passei a maior parte da minha infância nos States, principalmente nas cidades de Washington e New York. Foi então que Rick, o meu pai, conseguiu um bom trabalho na indústria e mudámo-nos para Chicago. Esta cidade ventosa é um lugar duro para se crescer. O nosso apartamento estava situado num condomínio um tanto ou quanto chungoso lá para o Southside, um bairro agressivo, mas cujas ruas são uma boa escola da vida. Tive uns quantos empregos nos States, fui subindo a pulso as escadas das corporações, mas, quando a oportunidade surgiu, mudei-me logo para Londres. Já aqui tinha passado dois anos, quando era puto, e o Rick trabalhava no corpo diplomático da Embaixada. Gostei tanto da cidade, que procurei sempre continuar a par das novidades sobre o que acontecia na Inglaterra. No início do ano de 89, o Evening Post que costumava receber pelo correio, publicou um artigo sobre os Bioconstrutores, uma pequena firma de biotecnologia que tinha fechado por motivos de falência.

Contactei o meu banco mas eles nem queriam saber. Então dirigi-me pessoalmente ao Banco do Rick. “Maxwell Riesling. Filho de *Mister* Riesling? Ora essa, claro que lhe prestamos toda a assistência, meu caro senhor.” Logo que consegui comprar os Bioconstrutores, arrendei um apartamento no bairro de Chelsea. Depois transferei a firma de Ealing para a zona rural do Dorset, apanhando pelo caminho vários subsídios do Estado. Novos trabalhadores, um local diferente, nova administração. Afinal tudo o que eu realmente tinha comprado não passava de umas quantas peças de equipamento, já de si obsoletas, e o nome da companhia. Nome que mudei logo de seguida.

A General Genetics Research teve um começo humilde. Depois tudo mudou. Os Bioconstrutores tinham-se especializado na produção em massa de produtos medicinais. Os microorganismos biotransformados produziam plasma sanguíneo, insulina, e esse tipo de derivados. Tudo isto com um esforço mínimo, especialização nula e inovação zero. Era uma empresa de segunda categoria. De início, quando a GenGen me passou para as mãos, continuou a agarrar-se aos contratos de natureza médica. Depois, logo que pudemos, deixámo-nos disso e fomos procurar aventuras mais alargadas. Em vez de nos limitarmos a produzir, agarrámo-nos à *investigação* médica. Estudámos novos meios de desenvolvimento agrícola e toda uma nova gama de produtos cosméticos biodegradáveis capazes de se dissolverem no espaço de uma noite.

Porém, aquilo que nos transformou numa das melhores empresas do mercado foi um produto característico dos nossos tempos. Como a SIDA ainda continuava activa no final da década, nós não fizemos mais do que receber os dividendos desta explosão comercial. Com a ajuda da tecnologia disponível, foi muito fácil separar uns quantos microorganismos — com o respectivo complexo genético — e contactar os melhores fabricantes de látex. As manipulações seguintes produziram um neolátex merecedor de toda a confiança. Umas alteraçõezinhas na habitual lata de aerossol, mais uns quantos testes rigorosos e a GenGen acabou por ser dona do primeiro preservativo do mundo em spray, por nós chamado *Vemdaí*. De natureza orgânica, geralmente não alérgico, bastava aspergir e descascá-lo logo que o entusiasmo faltasse. Selámos o nosso sucesso ao contratar a Anita Alveaux para fazer os anúncios. Uma Anita que espreitava pelo ecrã do televisor a sussurrar: “Diz-lhe *Vem daí* e espera pela resposta”. Uma resposta que garantiu o futuro das vendas da GenGen por muitos anos. A partir dessa altura, quem quer que dissesse *vem daí*, com todas as sílabas bem articuladas, estava a proferir a maior das piadas dos anos 90.

O único fracasso comercial da GenGen encontrou-se no produto seguinte. As massas acéfalas simplesmente não gostaram da ideia de se construírem microorganismos dedicados à higiene pessoal. Garantimo-lhes que não seria mais preciso lavar o cabelo ou escovar os dentes. Os microorgs dariam conta do recado. Mas não vendeu.

O Alimentos Não-Cê, o nosso novo produto, tornou-se num tremendo sucesso. Uma vez mais, não foi necessária nenhuma grande revolução tecnológica — bastou-nos ter uma boa ideia com um desenvolvimento e produção relativamente simples. Todas as moléculas orgânicas têm certas características comuns. Os açúcares, por exemplo, tendem a ser D ou dextrorrotatórios; por outro lado, a maior parte dos aminoácidos são L ou levorrotatórios; tudo isto se relaciona com a estrutura tridimensional das moléculas. Como os enzimas digestivos operam numa base estrutural, não conseguem agarrar-se às moléculas L: açúcares L, proteínas D, tudo o que não se adequa ao sistema, passa por ele sem ser digerido. Resultado: alimentos com zero calorias.

Em 96, Mel Slaney, um dos nossos geniozinhos de serviço, então a trabalhar no

novo laboratório de Buxton, iniciou uma outra linha de desenvolvimento. Os infusores já existiam há muito tempo, mas nunca se tinha conseguido arranjar uma aplicação prática para eles, num esquema à larga escala. A Mel mudou tudo isto. A versão dela parecia-se com uma esferográfica com almofadinha, com cerca de um centímetro quadrado numa das pontas. O cartucho com a droga era inserido na outra extremidade enquanto que a almofada era comprimida contra a superfície apropriada do corpo: depois, bastava uma pequenina descarga eléctrica para transferir a droga através da pele até ao interior do corpo. Depois disto, à excepção do terceiro Mundo, as injeções passaram à história.

Após este sucesso, Mel e o seu grupo recém transferido, criaram logo um outro, com uma variedade de drogas infusíveis. Como seria de esperar, depois dos sucessos do *Vemdaí*, a GenGen colocou no mercado um contraceptivo infusível para as mulheres, *Ovoidance*. Este era um mercado em vias de crescimento depois da morte da SIDA.

Outra das nossas drogas infusíveis, produzida sob contrato com o governo, também se vendeu muito bem no estrangeiro. O Disciplinafusor é uma obra-prima da biotecnologia. Infunde adrobato, uma droga adrenotrópica desenvolvida pelo grupo da Mel. O adrobato permanece adormecido no sangue até que a produção de adrenalina atinja um certo nível. Nesse momento a droga entra em acção, anulando os efeitos da adrenalina e voltando a pôr o corpo num estado normal e relaxado. A Corporativa das Prisões Nacionais viu logo o potencial do Disciplinafusor. Os seus clientes deixaram de ter acessos de violência. O Disciplinafusor tornou-se também parte integrante das alas psiquiátricas dos hospitais. Alguns grupos de pressão ideológica causaram problemas quando os usos do Disciplinafusor foram publicitados. Insistiam eles que os acessos de adrenalina não eram só resultantes dos estados de raiva, uma posição válida, mas que nada tinha a ver com o caso. Estes grupos tinham pouca influência; bastou prender alguns dos contestatários mais barulhentos e dar-lhes pessoalmente um ante-gosto do Disciplinafusor. E os protestos desapareceram como por encanto.

A circular que o Grupo de Acção Verde me mandou referia-se ao Disciplinafusor. As alterações que eles tinham feito no panfleto indicavam que seria eu o próximo

a ser infundido. Só que tinham cortado todas as referências ao adrobato. Não citavam a substância que era suposto infundir-me. Limitavam-se a descrevê-la nuns rabiscos à margem do papel:

A nossa droga vai matar-te. A adrenalina, acima de uma concentração Fulviana de 0.36, despoleta uma reacção em cadeia. A tua produção de adrenalina vai crescer a um ritmo exponencial, até atingir a overdose. Por isso tem muita calma, meu...

E tudo isto por causa das chatices da burocracia relacionadas com o Inquérito Público. Aqui para nós, considero que a sentença não é verdadeira. A minha situação é o resultado inevitável de anos de batalhas entre a Indústria e os ecomarados. Ou melhor, eco-fascistas, como costumavam chamar-lhes. Comportavam-se como se tivessem todas as respostas e as pessoas devessem obedecer-lhes em tudo. *Que se fodam!* O que eles não gostam é das mudanças, do progresso.

*Calminha. Vê lá se te acalmas, sim?*

Isto não está a servir de nada. Não posso excitar-me. O controlo do corpo é o controlo da mente. Isto tem sido o meu mantra desde o dia 22. *O controlo do corpo é o controlo da mente.*

Melhor assim. Não vou deixar que eles ganhem. Já passaram 27 horas desde o meu assassinato e ainda continuo aqui. O meu espírito está relaxado. A adrenalina não atingiu aquele nível fatal. Sou eu quem continua a mandar.

A minha primeira reacção foi pensar na vingança, mas logo percebi que ela me seria fatal. Demasiada excitação. O primeiro antegosto bastou para me avisar contra os malefícios deste tipo de atitudes. Falhei o encontro com o director regional, mas mais tarde informaram-me que a conta bancária dele tinha sido engordada por um certo indivíduo abastado que era suposto ter ligações próximas com grupos ambientalistas. O meu ex-empregado foi disciplinado. Ou melhor, *disciplifusado*. Mas só o estímulo de instigar tal acção foi quase demasiado para a minha saúde. As pulsações aceleraram, a testa enrugou-se, a adrenalina correu-me nas veias. Demorei vários mi-



nutos a recuperar o controlo, com o problema a ser exacerbado pelo medo de que tivesse ido demasiado longe. Mas permaneci dentro dos limites. Continuei vivo.

Esta experiência ensinou-me que o nível 0.36 é um nível elevado. Eles não queriam que eu batesse a bota só por chocar contra o assassino. Deram-me um certo espaço de manobra.

Planeio agora uma vingança bem mais doce: vou vencê-los. Vou conseguir sobreviver até à data do Inquérito. Felizmente a minha presença só vai ser necessária durante uma curta sessão. Não vai haver problemas.

O Inquérito não passa de um teste. Há muito que eles andavam a pedir um confronto directo. Tudo o que o Inquérito visa é examinar um caso de libertação-de-organismos-geneticamente-transformados-no-meio-ambiente. E até é irónico pensar que as nossas algas modificadas foram feitas apenas com a intenção de processar dejectos e, terminado este serviço, até podiam ser recolhidas e transformadas em papel. Tudo para proteger o meio ambiente. Mas não era essa a opinião dos verdes. Eles insistiam que as algas podiam começar a gostar de comer outras coisas, despoletando assim uma nova ameaça imprevisível sobre o nosso frágil mundo. O fim está próximo! (*Tem calma, meu! Tem calma...*)

Mas a questão é de facto um bocadinho mais complicada do que as algas da GenGen. Se eles conseguirem parar este projecto, conseguem parar com todos os outros. Já há muito tempo que nos andam a fazer a cama. Vamos ter de os calar de uma vez por todas. Mas eu posso resolver o assunto. O juiz disse-me que era fácil.

Pode ser que todos os grupos de pressão andem a juntar-se contra mim, mas a verdade é que também tenho gente poderosa do meu lado. Gente com ligações. Somos demasiado grandes para os verdes. O que o juiz mais quer é que haja boas razões para votar em nosso favor. O que é compreensível. Tudo o que ele pede é um discurso firme da parte da GenGen. Um discurso capaz de por o povo — ou pelo menos parte dele — do nosso lado. Esse dever coube-me a mim. Uma escolha mais que óbvia. Além de eu ser o director administrativo desta empresa, sou bom naquilo que faço. Aconselharam-me a meter-me na política, disseram-me que eu tinha aquele tipo de carisma que funciona muito bem na TV. Com toda a honestidade sou forçado a concordar. Desde a adolescência que consigo dar a volta a toda a gente. O discurso

que vou proferir no Inquérito vai ser gravado e transmitido para milhares de lares, vai aparecer em todos os noticiários. Não vai haver problemas. Os verdes vão ficar encostados.

Só me resta sobreviver até lá. Entretanto permaneço fechado em casa, no meu apartamento. Ninguém me pode deitar a mão. A segurança aqui sempre foi boa, mas agora tenho o conforto acrescentado de haver guarda-costas aqui mesmo junto à porta e junto à entrada do prédio. Mandei a Mel e o grupo dela investigar uma cura e multipliquei amostras do meu sangue de modo a poderem testar as respectivas poções. A Mel disse-me que eu devia infundir algum adrobato de modo a manter em baixa os níveis de adrenalina, mas eu respondi-lhe que não. Não me costumo apoiar em meros palpites, verifico sempre tudo antes de agir. E desta vez estava certo. O adrobato produz bolhas de nitrogénio no meu sangue contaminado. Examinei a amostra: toda ela borbulhava. As perspectivas para uma cura não são boas. Tenho a certeza que nada será descoberto antes do Inquérito.

Continuo aqui. Estou a aprender a meditar. É fácil, quando se tem tanto controlo do corpo como eu tenho do meu. O controlo do corpo é o controlo da mente.

—oOo—

Há já cinco dias que permaneço aqui. As meditações estão cada vez melhores. O controlo do corpo é o controlo da mente.

A minha vida mudou radicalmente desde o dia 22. Até aí sempre fui aquele tipo de homem de negócios hipercinético: cinco horas de sono, pequeno almoço de trabalho, trabalho propriamente dito, almoço de negócios, mais trabalho, ceia com clientes e depois recuperar o tempo perdido noutros trabalhos, antes das minhas próximas cinco horas de sono. Agora já não me posso arriscar a ter todas estas actividades. O estímulo poderia ser fatal: adrenalina a mais. E ficaria exposto ao Grupo de Acção Verde. Há muita coisa que eu posso fazer através do computador, com a consola à minha frente. Mas não me parece certo. Não consigo trabalhar num sistema de part-time. Sinto-me demasiado isolado para mexer no computador, sabendo que a verdadeira GenGen se encontra muito para além das minhas possibilidades.

Continuo sem ter grandes perspectivas de cura. Tenho de permanecer calmo. Respirar fundo. Às vezes até isso custa. Uma descontração permanente causa muita ansiedade. Sinto o pulso a acelerar-se, o suor a perlar-me a pele. Calma, calma...

Leio muito. Chamo os livros na consola, mando imprimir tudo e que se fodam as despesas. Pushkin, Dostoievsky, Tolstoi, gosto dos velhos russos, são tão densos, tão distantes do meu modo de vida. Também oiço música, igualmente a partir da consola, já percorri todos os clássicos, coisa que nunca tinha feito antes. Até agora o Mozart foi o melhor de todos, as melodias dele assombram-me sem que eu consiga explicar porquê. Sinto que chamam por mim. Baixinho.

Às vezes sou assolado por crises de escuridão. Certo dia invoquei uma Enciclopédia Médica. *Adrenalina*. Hormona estimulante segregada pelas glândulas supra-renais, de acção simpaticomimética. Também chamada de epinefrina. Acelera o coração, dilata os vasos sanguíneos do coração e dos músculos, contraindo todos os outros; daí o aumento da pressão sanguínea. Eleva o teor de açúcar no sangue, produz calor (*calorigénica*, é o termo), dilata as pupilas. Aumenta a produção de suor e saliva enquanto contrai os músculos lisos da pele. Já chega, tenho de permanecer calmo.

Quais seriam os resultados de uma overdose? Demasiado calor, excesso de suor... Será possível morreremos afogados na nossa própria saliva? Será que a pele era capaz de contrair-se tanto ao ponto de me estrangular? Tensão arterial já de si elevada, a crescer exponencialmente. Visões de veias estoiradas e capilares rasgados. Ou limitar-me-ia apenas a morrer de um simples enfarte? *Calma*. O pulso a acelerar, a pele tensa, pensar nestas coisas pode ser o fim. Preocupo-me demasiado.

—oOo—

“Om mane padme hum”. Aqui está uma frase que apanhei nas minhas leituras. Servem-se dela para meditar, para focar o espírito no nada. É boa. Ajuda a descontrair-me.

*Om mane padme hum.*

Vejo pássaros através do vidro à prova de bala. Existe um, especialmente, num ninho feito de lama, junto à minha janela, por baixo do telheiro. De um azul escuro,

com a barriguinha branca, a esvoaçar nos céus deste fim de Junho. A consola diz-me que é uma andorinha. Que nome tão estúpido para uma criatura tão bonita.<sup>1</sup> Fico sentado a observá-la.

Batem à porta e um dos seguranças entra com um pedacinho de papel na mão. Sem grandes dificuldades reprimo um acesso de raiva por esta falta de civismo. Não posso deixar que ele abuse da minha condição para ganhar um ascendente sobre mim. Nenhum deles sabe o que realmente se passa. Trata-se de um segredo bem mantido. Entrega-me o papel — percebo agora que se trata de um envelope — e diz-me: “O Correio Pronto trouxe isto”. Depois vira-me as costas e vai-se embora. A carta seguiu em correio normal.

*Om mane padme hum. O controlo do corpo é o controlo da mente.* Todas as mantras às minhas ordens. Tem calma.

E fazendo os possíveis para me acalmar, abro o envelope e desdobro a única folha de papel que se encontra no interior.

Mr. Riesling,

Parabéns. Ainda está vivo. Deve ter uma personalidade forte. Mas a excitação do Inquérito vai dar cabo de si. Se nós não dermos antes.

Com os nossos melhores cumprimentos.

O Grupo de Acção Verde

Desta vez não vem nada em anexo. Assustei-os. Estou a ganhar.

O Inquérito começa amanhã, mas são apenas os preliminares. O meu discurso só será no dia seguinte. Estou morto por isso. Entretanto, fico à espera.

*Om mane padme hum.*

—oOo—

Amanhã vou discursar. Estou mais que treinado. O fluxo de adrenalina continua

---

<sup>1</sup> O nome em inglês é "house martin". (N. do E.)

a crescer, tal como eu já esperava. Mas já sei controlá-lo. Medito, deixo o mundo andar às voltas, enquanto me concentro em coisa nenhuma. Om mane padme hum. O essencial da meditação é sermos um com o mundo. Com o Cosmos. Deixar as coisas correr. *Desliga o espírito, descontraí-te, deixa-te ir na corrente. Isto não é morrer.* Não é, garanto. O âmbito da minha música expandiu-se. O Lennon sabia o que estava a dizer. *Abandona os pensamentos, rende-te ao vazio. Um vazio que brilha.* Podem crer que é verdade. Eu vi tudo isso.

Nada parece ter sentido. Toda essa gente sempre a correr de um lado para o outro. Sempre julguei que tinha tudo o que queria ter. Mas a verdade é que não tinha nada. Só podemos ir na corrente, acompanhar o ritmo das coisas. As meditações mostraram-me o vazio que era a minha vida. Tratou-se de uma experiência transcendental. Om mane padme hum.

—oOo—

Neste estado de meditação o tempo nada significa. Levanto os olhos e lá fora faz escuro. Amanhã. Amanhã tenho de... fazer o quê?

A escuridão forma um padrão curioso de sombras sobre sombras. Ainda há um minuto não fazia escuro.

Deve ter sido um minuto muito grande.

Sinto-me incomodado por ruídos que vêm do exterior. O céu está a tingir-se de um azul delicado que pressagia a manhã. Entra um segurança logo seguido de um tipo mais pequeno. O fuinha. Ainda vestido com o fato às riscas e transportando — vejam lá — um saco de plástico dos Harrods. Sorrio.

“Este cavalheiro diz que tem uns assuntos para tratar consigo, Mr. Riesling”. O segurança mal pode conter um esgar de satisfação, de poder. Depois vai-se embora. Tenho pena dele.

E o mundo continua a girar.

“Recebeu a nossa carta?”

Sorrio, e o fuinha parece incomodado. Pela minha parte sinto-me feliz, contente. Pela primeira vez estou em paz com o mundo. Preparado para receber o brilho desse

vazio. Om mane padme hum.

O fuinha ajoelha-se e começa a mexer no saco de plástico verde. Pergunto a mim mesmo como é que me vão matar desta vez.

## O Autor fala sobre a obra

(tradução de Jorge Candeias)

Por um triz não me tornei contabilista...

Isso ainda me parece uma ideia horrível, mesmo agora passados quinze anos. Em meados dos anos 80, a contabilidade era uma opção popular para estudantes que não se decidiam sobre as suas carreiras futuras — popular para os conselheiros vocacionais, pelo menos, já que havia vagas aos montes. Fui a algumas entrevistas, foram-me oferecidos alguns empregos, aceitei um deles e foi então que o horror me atingiu: contabilidade! Uma vida inteira de fato e gravata, sem tirar os olhos de folhas de cálculo, estudando leis fiscais e estratégias de investimento. Aquilo simplesmente não era eu.

A minha noiva empurrou-me na direcção certa. Farta de me ouvir resmungar acerca da perspectiva de passar uma vida na contabilidade, disse: "Bem, porque não tiras um ano? Podes escrever aquele livro que andas sempre a dizer que queres escrever". Nessa altura já escrevia há um par de anos. Tinha vendido algumas histórias a revistas pequenas mas não mais do que isso: escrever a tempo inteiro era um risco enorme, mas a Alison falava a sério — ela iria sustentar-me enquanto eu escrevia.

Acabámos os cursos, casámos e o meu ano de escrita começou. Escrever um romance parecia-me um passo demasiado grande, portanto comecei a pensar em ideias para contos. *O Homem Adrenotrópico* apareceu-me um belo dia: a ideia de um homem a contar o seu próprio assassinio e sendo transformado pela experiência de formas insuspeitadas. Assim que tive esta ideia soube que era muito melhor que qualquer ideia que tivera até então. À medida que ia escrevendo essa sensação ia aumentando, e quando acabei soube que a minha escrita tinha subido a um novo patamar.

Enviei o conto à *Interzone* e o sub-editor, Simon Ounsley, respondeu dizendo que tinha gostado mas que havia uma ou duas falhas na lógica. Tinha razão, portanto fiz algumas pequenas alterações ao conto, reenviei-o e ele foi aceite: a primeira história que produzira como escritor a tempo inteiro transformara-se na minha primeira venda profissional.

A história era futuro próximo quando a escrevi, mas actualmente as datas situam-se no passado próximo — todas as histórias de futuro próximo acabam desta forma, como uma

espécie de história alternativa. Não me parece que tenha envelhecido muito mal: algo como isto poderia facilmente ter acontecido nos anos 90.

**Keith Brooke, Outubro de 2001**